

## 1958: COM O BRASILEIRO NÃO HÁ QUEM POSSA

Maria Izilda Santos de Matos\*

FERREIRA DOS SANTOS, Joaquim. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro, Record, 1998.

*Pelé passa para Pagão, Pagão pipoca pela ponta para Pepe, Pepe pega, pára, pisa a pelota e pimba, é gooooool... (1958)*

A gente briga  
Diz tanta coisa que não quer dizer  
Fica pensando que não vai sofrer  
Que não faz mal se tudo terminar  
Um belo dia a gente entende que ficou sozinho  
Vem a vontade de chorar baixinho  
Vem o desejo triste de voltar  
Você se lembra  
Foi isso mesmo  
Que se deu comigo  
Eu tive orgulho  
E tenho por castigo  
A vida inteira  
Pra me arrepender  
Se eu soubesse  
Naquele dia  
O que sei agora  
Eu não seria  
Este ser que chora  
Eu não teria  
Perdido você

*Castigo*, Dolores Duran, 1958

---

\* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

Em 1998 convive-se com as ansiedades de um final de século, momento inquietante que envolve possibilidades de reconstituir retrospectivas, repensar múltiplas temporalidades e marcos, rememorar momentos e acontecimentos marcantes desses últimos tempos.

Há 30 anos, jovens de diferentes partes do globo saíram às ruas para protestar “revelava-se toda uma crise da civilização” (Malraux), de lá emergiram diferentes propostas marcantes no mundo pós-moderno. Assim, em 1998, foram férteis as comemorações/comemorações em torno de 1968, ocorreu todo um conjunto de encontros, discussões e debates, publicações e exposições, em diferentes espaços acadêmicos e em vários veículos da mídia.

Contudo, de 1958 também não esquecido, afinal, ano de Copa do Mundo, com a seleção brasileira na final, emergiram as referências à primeira vitória dos canarinhos na Copa da Suécia, reproduziu-se a imagem do capitão Bellini levantando acima da cabeça a taça Jules Rimet, e todos cantaram “com o brasileiro não há quem possa”. As felizes memórias em torno do “ano em que tudo deu certo” também estão oportunamente presentes através da publicação do livro de Joaquim Ferreira dos Santos *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*, pela Record.

Reconstituir aquele “glorioso ano” envolveu o autor Joaquim Ferreira dos Santos no desafio da pesquisa, foram ouvidas dezenas de personagens da época que reavivaram suas memórias trazendo preciosas informações (destaque para Carmem Mayrink Veiga). A pesquisa o levou a mergulhar com habilidade numa outra ampla documentação que engloba as coleções de *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Revista do Rádio*; entre outros jornais, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Última Hora*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*; ouvir antigos programas de rádio, revisitar as chanchadas da Atlântida e rastrear a produção do Teatro de Revista, além de levantar toda a rica produção musical desse momento.

Num projeto editorial criativo, já que paralelo ao texto, foi composto um contratexto particularmente rico nas margens, onde se pode encontrar inúmeras informações do ano de 1958: quem fez o ano, as gírias em voga, as dez mais elegantes, a lista das certinhas do Lalau, as maiores fortunas, os melhores e piores momentos, também as obras de JK, os carros do anos, as linhas de bonde e de ônibus do Rio. Aparece a seleção dos bons cinemas, teatros, boates e restaurantes, além dos principais produtos, bebidas, lançamentos e tendências da moda, somadas às dicas de como ser elegante. Apresentam-se os destaques da programação do rádio e da TV, seus astros, as músicas de sucesso, além das melhores chanchadas, novelas, filmes e peças; traz os lançamentos

literários, os gibis, as revistas e os *jingles* que marcaram a memória auditiva de gerações de rádio ouvintes

Não adianta bater  
Eu não deixo você entrar  
Nas Casas Pernambucanas  
É que vou  
Aquecer o meu lar  
Vou comprar flanelas  
Lãs e cobertores eu vou comprar  
Nas Casas Pernambucanas  
e nem vou sentir  
O inverno passar. (p.160)

É hora do lanche  
Que hora tão feliz  
Queremos biscoito  
São Luiz. (p.184)

Segundo o autor, 1958 foi o melhor ano deste século para o Brasil, que envolto numa “tenra democracia” do governo JK que culminaria politicamente na eleição do rinoceronte Cacareco para vereador em São Paulo.

O foco prioritário eleito na narrativa é o Rio de Janeiro, que vivia o auge do charme, toda a efervescência da capital que parecia se despedir nostalgicamente do *status* de centro político com a proximidade da transferência para Brasília. Toda a euforia da construção da nova capital não encontra plena receptividade, o espírito da resistência foi captado melodiosamente pelo Os Cariocas em *Não vou pra Brasília*:

Não vou, não pra Brasília  
Nem eu nem minha família  
Mesmo que seja  
Pra ficar cheio da grana  
A vida não se compara  
Mesmo difícil e tão cara  
quero ser pobre  
Sem deixar Copacabana. (p. 112)

A Capital Federal ditava modas e padrões para o Brasil, era o momento em que os padrões de beleza eram determinados nos concursos de misses, e em 1958 era Adal-

gisa Colombo quem venceu o *Miss Brasil* utilizando-se de truques de beleza. Já os contornos femininos eram diferenciados:

As coxas eram muito grossas, os quadris muito largos e as cinturas deformadas pelo uso da cinturite, um espartilho que só apertava metade do estômago e servia para dar o contorno de violão sete cordas... (p.73)

A sensualidade era posta pelas Certinhas do Lalau e pelas vedetes do teatro de revista (Virginia Lane é escolhida a Vedete do Brasil de 1958), também por *Gabriela Cravo e Canela*, lançado por Jorge Amado e que se tornou o livro mais vendido do ano. Enquanto que a polêmica da elegância encontra-se entre a moda trapézio ou saco, o laquê em *spray* que chegava ao Brasil, a elegância aparecia nas colunas sociais, em particular, as do Ibrahim.

As lambretas, blusões de couro, a gíria lançada “bárbaro” e o cuba libre eram os signos da juventude transviada, tendo como modelos os ídolos do cinema, os cafajestes e os *playboys*. As tensões intrageracionais viriam a baila em 1958 através do crime Aída Curi e de toda a campanha movida por David Nasser, em *O Cruzeiro*, em torno da defesa da moral e dos bons costumes.

No cinema as chanchadas envolviam a massa, cabendo o destaque para Oscarito e Zé Trindade (que brilha em *O batedor de carteiras*), mas já se encontrava emergente o Cinema Novo. Neste ano era filmado, na favela do Cantagalo, *Orfeu Negro*, que receberia a Palma de Ouro em Cannes e o Oscar de melhor filme estrangeiro, no ano seguinte.

Distrito Federal, o Rio de Janeiro era a capital dos políticos, em sua maioria envolvidos com as vedetes do teatro rebolado (termo imposto por Sergio Porto). O Teatro de Revista já não apresentava o *glamour* dos anos anteriores, mas Walter Pinto ainda misturava crítica política e sensualidade mostrando toda uma suntuosidade na Praça Tiradentes. Todavia, a grande polêmica e o escândalo envolveu a estréia de *Os sete gatinhos* de Nelson Rodrigues.

O teatro também tinha o Arena (*Eles não usam black-tie*, de Guarniere, foi montada nesse ano) e o Oficina envolvidos numa dramaturgia que se pretendia voltada para as questões do povo brasileiro.

Na imprensa, o *Jornal do Brasil* inova com toda uma reforma gráfica e de conteúdo que iria revolucionar a imprensa brasileira, também marcada pela estréia da revista *Senhor*. Mas, era *O Cruzeiro* que envolvia o leitor, com as reportagens de D. Nasser,

o Amigo da Onça, fotos de Jean Mazon e os textos de Millôr Fernandes. Toda uma ebulição cultural envolvia o Rio, destacando-se o lançamento do livro de Raimundo Faoro, *Os donos do poder*.

A expansão da TV levou aos sucessos de Flávio Cavalcanti, da Noite de Gala, do Repórter Esso, do Teatro de Vanguarda, das garotas propagandas e dos programas humorísticos. Mas as rádios, que passaram a contar com o aparelho a pilha, eram o centro da produção musical, em particular a Rádio Nacional no auge de sua popularidade. Elas não só fazia cantar, também rir (*Balança mais não cai*) e chorar (Novelas, destaque para *Um estranho na terra de ninguém*, de Janete Clair), além de informar e divertir.

Nunca se dançou tanto como em 1958, nos bailes, *dancings*, boates e clubes. A noite tinha um endereço certo: Copacabana, era o auge o samba-canção, música dançante, própria para o clima das boates, a meia luz, era o cantar de um amor sofrido e magoado. A estrela do ano foi Maysa (envolta em vários escândalos) ao lado de Dolores Duran, que compôs *Castigo*. A música brasileira sofria a concorrência da italiana, de Domenico Modugno, da francesa, da latino-americana e da norte-americana (música de cinema e o rock de Elvis Presley). Na música também seria a estréia do rock-balada na gravação da versão de *Diana* por Carlos Gonzaga, mas, principalmente, foi neste ano que João Gilberto gravou *Chega de saudades*, marco fundador da Bossa Nova.

São muitas as informações fornecidas. O texto traz uma riqueza de dados através de uma escritura dinâmica, a narrativa agradável flui envolvendo o leitor em *flashes* dos acontecimentos de 1958. Assim sem qualquer compromisso (restritivo) de fazer a história acadêmica, o livro encanta trazendo a memória de cheiros, cores, sons, gostos e sabores desse ano dourado.

Todavia, a amplitude de informações, zigue-zagueando da “tabelinha de Pelé e JK” aos concursos de misses, descontextualiza os acontecimentos do momento histórico mais amplo, fazendo 1958 ficar vagando sem o rumo de um antes e um depois.

Quarenta anos depois torna-se uma inquietante possibilidade de rememorar o ano de 1958, através das linhas de Joaquim Ferreira dos Santos, pois como diz o autor “foi a última vez em que fomos realmente felizes”.